

Sentidos e Significados do Trabalho: Um Estudo com Dependentes Químicos em Recuperação e Profissionais da Saúde

Senses and meanings of work in the treatment of chemical dependence in recovery and health professionals

Fernando Ressetti Pinheiro M. Vianna

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

fernando.vianna@utfpr.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5698-477X>

Juliana Previatto Baldini Tonon

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

julianabaldini@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7975-8003>

Leonardo Tonon

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

leotonon@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9884-5284>

Aline Ferreira

Universidade Positivo

alinesf87@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8017-3021>

RESUMO

As pesquisas na área de gestão e organizações costumam apresentar importantes orientações relacionadas à forma como o sentido e o significado do trabalho se manifestam em grupos específicos de trabalhadores. Contudo, ainda há uma lacuna de pesquisas na área relacionadas a grupos estigmatizados, como os dependentes químicos. Dessa forma, o presente artigo buscou compreender os sentidos e significados das atividades laborais para os dependentes químicos em tratamento. Para tanto, o artigo contou com uma abordagem metodológica qualitativa, em que foram entrevistados nove dependentes químicos e sete profissionais da área da saúde. A partir das entrevistas semiestruturadas foram aplicadas técnica de análise de conteúdo, emergindo quatro categorias analíticas: Afastamento do trabalho; trabalho como fator de reinserção social e cuidados no processo de retomada das atividades laborais; desenvolvimento de atividades laborais simples na recuperação; acolhimento no trabalho. Em cada uma das categorias foi possível destacar de que forma, no tratamento da dependência química, o significado do trabalho é atribuído pelos profissionais, e o sentido do trabalho é atribuído pelos dependentes químicos. Apesar das diferenças nas falas entre a atribuição de significado e sentido do trabalho, verifica-se certa consonância quanto à importância do afastamento do emprego, do desenvolvimento de atividades laborais simples e do acolhimento no trabalho.

Palavras-chave: Sentido do trabalho; Significado do trabalho; Tratamento de dependência química; Grupos estigmatizados.

ABSTRACT

Research in the area of management and organizations usually presents important guidelines related to how the meaning and significance of work manifests itself in specific groups of workers. However, there is still a gap in research in the area related to stigmatized groups, such as drug addicts. Thus, this article addresses the differences between the terms meaning and significance of work in relation to the treatment of drug addiction and sought to understand the meanings and significance of work activities for drug addicts undergoing treatment. To this end, the article used a qualitative methodological approach, in which nine drug addicts and seven health professionals were interviewed.

Based on the semi-structured interviews, the content analysis technique was applied, resulting in four analytical categories: Time away from work; work as a factor of social reintegration and care in the process of resuming work activities; development of simple work activities in recovery; and support at work. In each of the categories, it was possible to highlight how, in the treatment of drug addiction, the meaning of work is attributed by professionals, and the meaning of work is attributed by drug addicts. Despite the differences in the statements regarding the attribution of meaning and purpose to work, there is a certain agreement regarding the importance of time away from work, the development of simple work activities and the welcoming at work.

Keywords: Sense of the work; Meaning of work; Chemical dependency treatment; Stigmatized groups.

Introdução

Em um contexto social que usualmente midiatiza o uso das drogas com o foco em cracolândias, grandes operações policiais (Rui, 2013) e dependentes químicos em situação de rua (Caravaca-Moreira & Padilha, 2015; Mendes, Rozani, & Paiva, 2019), é oportuna a discussão sobre outros aspectos sociais. Dentre as repercussões que a dependência química apresenta na vida dos indivíduos acometidos por essa doença, é possível citar questões envolvendo os planos social, cultural, educacional e comportamental (Diehl, Cordeiro, & Laranjeira, 2018). Nesse contexto, é emergencial verificar de que forma essas pessoas são afetadas pelo uso (e abusos) das substâncias psicoativas, em todas as esferas de suas vidas, especialmente, àquelas relacionadas ao trabalho.

Nesse sentido, a dependência química é considerada uma doença crônica, que alcança mais de 35 milhões de pessoas no Brasil (Nações Unidas, 2021) e afetando as atividades desempenhadas pelo indivíduo (APA, 2014), podendo levar a sérios prejuízos no âmbito do trabalho (Nimtz et al., 2016). Mesmo assim, a relação da doença com o mundo do trabalho não recebe atenção das pesquisas na área de organizações e gestão de pessoas, com alguns poucos esforços isolados (Lopes & De Paula, 2017; Vianna et al., 2020). Dessa forma, o presente trabalho busca preencher essa lacuna, ao abordar a relação entre o sentido e o significado do trabalho ao longo do tratamento da dependência química.

A importância de tal abordagem se deve ao fato de o trabalho figurar como elemento central na vida dos indivíduos (Della Puppa, 2023). Assim, estudos anteriores na área de gestão e organizações vêm abordando o sentido e o significado do trabalho em relação a grupos de trabalhadores específicos como professores (Roque, Gomes, Chaves, & Santos, 2022), empreendedores sociais (Figueiró & Bessi, 2020) e policiais (Benevides, Almeida, Cunha, & Mendes, 2014). Contudo, existe uma área de pesquisa dentro do sentido e significado do trabalho que olha para grupos de trabalhadores portadores de patologias e que compartilham o sentido como um aspecto de inclusão e processo de tratamento, como pessoas com deficiência física e intelectual (Caron, Costa, Rodrigues, & Gadonski, 2023; Paiva, Aquino, Lima, Marques, & Matos, 2024; Pereira-Silva, Furtado, & Andrade, 2018). Mesmo assim, esse olhar recente para grupos portadores de deficiência apresenta uma lacuna de pesquisa relacionada à forma como sentido e significado do trabalho se manifestam quando abordados

grupos estigmatizados de portadores de uma doença mental (Elraz, 2018), como os dependentes químicos.

Além disso, o sentido e significado do trabalho podem representar fenômenos diferentes, com o primeiro sendo relacionado ao âmbito pessoal do indivíduo e de autorrealização, e o segundo relacionado aos aspectos sociais do trabalho (Tolfo & Piccinini, 2007; Ventura, Pereira, Torres, & Barata, 2021). Assim, apesar de pesquisas anteriores analisarem de que forma os sentidos e significados do trabalho são afetados por aspectos materiais (Costa, Barbosa, Rezende, & Paiva, 2023; Sá, Lemos, & Oliveira, 2022) ou decisões organizacionais (Kim, Nurunnabi, Kim, & Jung, 2018), o presente artigo se difere ao analisar os fenômenos dentro do processo de inclusão no mundo do trabalho de um grupo estigmatizado. Assim, o presente artigo parte da seguinte pergunta de pesquisa: Quais os sentidos e significados das atividades laborais para os dependentes químicos em tratamento?

Dessa forma, o presente artigo tem dois objetivos: primeiro, analisar e identificar o que os dependentes químicos e os profissionais que atuam na área esperam das atividades laborais no tratamento da doença (significado); e, segundo, identificar quais são os sentimentos vividos pelo indivíduo dependente químico ao desempenhar essas atividades (sentido). Para isso, foi desenvolvido um estudo exploratório, com o objetivo de explicitar os aspectos da relação entre a dependência química e o trabalho, com base nas experiências de pessoas envolvidas com o problema (Tolfo & Cordova, 2009). A pesquisa contou com entrevistas de dezesseis pessoas, sendo nove dependentes químicos abstinentes há pelo menos dez meses, e sete profissionais da área da saúde mental, com tempos de atuação entre dois e mais de trinta anos.

Para tanto, na sequência, são apresentados os referenciais teóricos que sustentam a pesquisa e as discussões aqui empreendidas, abrangendo as temáticas de “trabalho”, “sentidos e significados do trabalho” e “dependência química e o processo de tratamento”. Após as discussões teóricas, são apresentados os procedimentos metodológicos. Em seguida, os dados são apresentados, analisados e, posteriormente, discutidos. Por fim, são traçadas as considerações finais.

Fundamentação Teórica

Compreendendo um pouco mais sobre o trabalho

As linhas de pesquisa que abordam discussões relacionadas ao trabalho são diversas e variadas, assim como as suas possibilidades de conceituação. Essa multiplicidade é observada ao longo da história do trabalho, que vai desde a perspectiva aristotélica, que o considera uma atividade inferior e degradante, até a visão capitalista que o enxerga como mercadoria, e ainda como uma ação dignificante na ética protestante (Borges & Yamamoto, 2004). Contudo, essa dignificação do trabalho serve, em parte, para justificar a alienação e a submissão do trabalhador ao capital ou aos meios de produção (Antunes, 2015).

Assim, mesmo diante das diferentes perspectivas sobre o trabalho, observa-se que ele é central no desenvolvimento da vida do indivíduo como um todo, especialmente no que diz respeito à sua vida social (Bagoit & Franssen, 1997). Essa centralidade se justifica por seu caráter que vai além do processo ou dos resultados do trabalho, já que se trata de uma complexa transformação da natureza para um resultado que atende às demandas do indivíduo (Antunes, 2015). Além disso, estudos sobre o tema evidenciam que o trabalho desempenha um papel importante na construção da identidade dos indivíduos, atendendo tanto às suas necessidades sociais quanto emocionais (Morse & Weiss, 1955; Vianna et al., 2020).

Mesmo considerando essa relação entre o trabalho e a satisfação das diversas necessidades do indivíduo, pesquisas anteriores sugerem que o trabalho é, em grande medida, reduzido ao emprego e à produtividade, dentro de uma perspectiva típica da sociedade industrial (Bagoit & Franssen, 1997). No entanto, outras perspectivas também apontam que o emprego é apenas uma entre as várias formas de trabalho, e as motivações para que os indivíduos se engajem ou permaneçam em um emprego podem variar (Jahoda, 1981). Nesse sentido, pesquisas anteriores indicaram que as motivações que influenciam o trabalhador podem estar relacionadas à existência de grupos de trabalho (Lima et al., 2013; Santos & Carvalho-Freitas, 2018; Rodrigues, Barrichello, & Morin, 2016).

As variações relacionadas ao que o trabalho oferece como recompensa ao trabalhador fazem parte da própria dinâmica do trabalho, considerando que tais recompensas não estão relacionadas apenas à execução do trabalho em si, mas também à forma como os pares percebem esse trabalho, sua estética e funcionalidade (Dejours, 2012). Essa multiplicidade de fatores que envolvem o trabalho é observada por teóricos da área nos gestos, aptidões, relações, cooperações e inteligências que mobilizam a subjetividade do indivíduo em sua relação com a subjetividade do outro, produzindo, de certo modo, sentidos e significados (Dejours, 2012; Moliniere, 2013).

Sentido do trabalho e significado do trabalho: o que dizem e o caminho escolhido

Na área de Administração, o tema do trabalho “é multifacetado na literatura, sendo abordado e discutido a partir de diversas correntes e estudiosos”, com estudos anteriores explorando aspectos relacionados ao sentido e ao significado do trabalho (Neves, Nascimento, Felix Jr., Silva, & Andrade, 2018, p. 327; Ventura, Pereira, Da Rocha Torres, & Barata, 2021). Pesquisas anteriores sugerem que o termo “sentido” está relacionado ao âmbito pessoal, de autorrealização e propósito do indivíduo, enquanto o termo “significado” se refere ao âmbito social da atividade desempenhada, à sua importância ou consequência (Tolfo & Piccinini, 2007; Yalom, 1980).

Nesse contexto, o presente trabalho se apoia na definição de sentido do trabalho proposta por Antunes (2015), para quem o trabalho não deve ser reduzido à lógica do capital, mas sim ser uma fonte de autodeterminação, autonomia e liberdade, possibilitando a emancipação do indivíduo. Dessa forma, o trabalho é compreendido como um fenômeno capaz de produzir sentidos que permeiam a vida dos indivíduos,

afetando tanto o trabalho em si quanto a vida fora do ambiente laboral (Tolfo & Piccinini, 2007).

Pesquisas recentes sobre o sentido do trabalho investigaram como trabalhadores de bancos encaram suas atividades como fontes simultâneas de prazer e sofrimento, provendo e protegendo, enquanto também cobram e ameaçam (Silva, Costa, Freitas, & Salles, 2019). Além disso, outros estudos analisaram grupos específicos, como trabalhadoras policiais (Sá et al., 2022) e jovens trabalhadores aprendizes (Costa et al., 2023), que, de forma semelhante, relacionam o sentido do trabalho a elementos como a compensação financeira. No entanto, enquanto as policiais veem no propósito do trabalho um elemento de sentido (Sá et al., 2022), os jovens aprendizes associam o sentido à autonomia e às expectativas profissionais (Costa et al., 2023). Outro grupo analisado foi o de pessoas com deficiência (PcD), que relacionam o sentido do trabalho a aspectos como a sobrevivência, inserção social, sentimento de capacidade e utilidade na sociedade (Lima et al., 2013; Santos & Carvalho-Freitas, 2018).

Em relação ao significado do trabalho, este estudo se apoia na definição de Tolfo e Piccinini (2007), que o concebem como a representação social da tarefa executada. Nesse sentido, a própria evolução da palavra “trabalho” ao longo da história, passando de uma atividade associada ao sofrimento e à vergonha até alcançar valorização e consolidação na sociedade capitalista, sustenta essa compreensão do significado como representação social (Marra, de Souza, & Melo, 2013).

Estudos recentes sobre o significado do trabalho exploraram como o comportamento organizacional pode afetar a percepção dos empregados sobre o trabalho (Kim et al., 2018), buscaram desenvolver métricas que relacionam o tema à satisfação no trabalho (Duarte-Lores, Rolo-González, Suárez, & Chinea-Montesdeoca, 2021), além de evidenciar que jovens ingressantes no mercado de trabalho consideram o dinheiro e a realização pessoal como elementos constitutivos do significado do trabalho, destacando a importância do que o trabalho “proporciona como fator social” (Graebin, Matte, Larentis, Da Motta, & Olea, 2019, p. 17).

Além disso, outros estudos vêm analisando simultaneamente os sentidos e significados do trabalho. Por exemplo, no caso dos profissionais da medicina, o significado está relacionado às práticas médicas e à competência profissional, enquanto o sentido está ligado à conduta e ao respeito às normas, leis e ética (Feitosa et al., 2022). Em outro estudo recente, indivíduos desempregados associaram aspectos como prazer e aprendizagem ao sentido do trabalho, enquanto elementos como reconhecimento e autoestima foram relacionados ao significado (Ventura et al., 2021).

Contudo, apesar dos esforços anteriores, observa-se um foco em grupos específicos analisando seus próprios trabalhos, deixando uma lacuna na análise dos sentidos e significados do trabalho a partir da perspectiva de diferentes grupos sobre um grupo específico. Nesse contexto, sugere-se analisar o sentido do trabalho para dependentes químicos em tratamento, bem como o significado do trabalho para os profissionais de saúde envolvidos nesses tratamentos.

O que já é conhecido sobre dependência química e o processo de tratamento

A temática da dependência química é marcada, amplamente, pelas ações realizadas em cracolândias ou pelos problemas atuais relacionados à doença, mesmo se tratando de uma doença complexa e que conta com repercussões sociais, políticas, econômicas e culturais (Costa, 2009; Rui, 2013). Assim, os indivíduos acometidos pela doença da dependência química, usualmente acabam acometidos, também, por um processo de estigmatização que alcança suas vidas profissionais por meio de discursos pejorativos e preconceitos (Elraz, 2018).

Além disso, os aspectos sociais, culturais, educacionais e comportamentais são centrais no desenvolvimento e na evolução da síndrome de dependência química em um indivíduo (Diehl, Cordeiro, & Laranjeira, 2018). Nesse sentido, autores da área evidenciam que o indivíduo que desenvolve a síndrome de dependência frequentemente atravessa um processo de perda de controle sobre seus desejos, comprometendo seu convívio social, familiar e laboral (Maciel, de Melo, Dias, Silva, & Gouveia, 2014).

Quanto à sua classificação pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a síndrome da dependência química é uma doença crônica, inserida na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e descrita no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2014). Esta caracterização inclui os fenômenos relacionados à doença e constata que o indivíduo acometido pela dependência química pode perder o controle de seus comportamentos, cognição e fisiologia, priorizando a droga em detrimento de qualquer outra relação ou obrigação.

Nesse sentido, a complexidade da doença e as barreiras encontradas no caminho da recuperação tornam a recaída um fator comum (Buchele, Marcatt, & Rabelo, 2004). Assim, uma das formas de reduzir a possibilidade de recidiva é “quebrar” as crenças e o repertório de vida do indivíduo dependente químico por meio da aplicação de novos processos de socialização e da ressignificação de seu papel na sociedade (Monteiro, 2017).

Dessa forma, o tratamento da síndrome de dependência química é compreendido em fases, de acordo com o modelo transteórico de mudança, que consiste em diferentes estágios (Prochaska & DiClemente, 1983). Esses estágios variam desde o momento em que o indivíduo não indica qualquer intenção de mudança, chamado de pré-contemplação, passando pela fase de início de visualização de uma possível mudança, a contemplação, até a fase em que o indivíduo traça planos para sua recuperação, chamada de ação. A última fase é a manutenção, a qual diferentes autores apontam como o grande desafio no processo de mudança (Oliveira, Laranjeira, Araújo, Camilo, & Schneider, 2003; Souza et al., 2013; Tuller, Mello Rosa, Polli, & Castelan-Mainardes, 2009).

Assim, autores da área afirmam que a fase de manutenção depende de grandes esforços de ressignificação e valorização dos ganhos relacionados à abstinência, com o objetivo de prevenir a recaída (Oliveira et al., 2003; Souza et al., 2013). Para tanto, a prevenção à recaída é abordada de diferentes formas e com a adoção de diversas estratégias, sendo o trabalho apresentado como um fator positivo nas esferas social,

moral e econômica, enquanto sua ausência pode representar um fator negativo para o indivíduo dependente químico (Buchele, Marcatti, & Rabelo, 2004; Monteiro, 2017).

Aproximando o sentido e o significado do trabalho ao processo de recuperação do dependente químico

Estudos anteriores investigaram a relação entre o trabalho e a recuperação de dependentes químicos. Quando analisado um grupo desses indivíduos que optou pela internação como forma de tratamento, observou-se que eles consideravam o trabalho um importante fator para o afastamento de pensamentos relacionados ao consumo de drogas, além de associá-lo à ressocialização e à retomada de uma vida normal (Crauss & Abaid, 2012). De forma semelhante, um estudo realizado com dependentes químicos em tratamento verificou que eles consideravam o trabalho um pilar tão importante quanto a família na retomada do controle de suas vidas (Tuller et al., 2009).

Nos casos mencionados, os pacientes relatam suas expectativas em relação ao trabalho-emprego, ou seja, o que o trabalho significa para eles enquanto estão internados. Dessa forma, pode-se afirmar que esses relatos representam um significado atribuído ao trabalho no processo de recuperação, uma vez que se trata de uma atribuição anterior à própria experiência de trabalho. Por outro lado, dois estudos recentes abordaram o processo de recuperação de dependentes químicos e o sentido do trabalho (Lopes & de Paula, 2017; Vianna et al., 2020), demonstrando que elementos como a sublimação e o reconhecimento nas atividades laborais podem servir de apoio à recuperação.

Contudo, a relação entre trabalho e tratamento da dependência química nem sempre é atribuída a significados positivos, pois outras pesquisas indicam que o trabalho-emprego pode facilitar o uso de substâncias ou a ocorrência de recaídas. Nesse sentido, estudos evidenciam que determinadas profissões, como a de médico, por exemplo, podem ser consideradas fatores de risco para a recuperação (Alves et al., 2005). Além disso, o próprio local de trabalho pode, em alguns casos, ser um ambiente de risco para o tratamento da síndrome de dependência química (Brooker, Fitzsimons, Moore, & Duval Neto, 2017; Lima, 2010). Outros estudos destacam fatores como companhias, ambientes, falta de apoio social, estresse e pressões como elementos emocionais que podem justificar recidivas (Czarnobay et al., 2015; Ferreira et al., 2016; Gaviraghi et al., 2016; Junior, Schlindwein, & Calheiros, 2016). Nesses casos, são apresentados aspectos relacionados aos sentimentos que o indivíduo dependente químico pode experimentar enquanto exerce uma profissão, bem como as sensações que ocorrem em determinados ambientes ou sob pressão. Trata-se do tensionamento entre os sentimentos vividos como dependente químico e como trabalhador.

É importante destacar que os sentimentos não são uniformes entre todos os indivíduos. É nesse contexto que as diferenças e semelhanças entre as expectativas em relação ao trabalho, tanto por parte dos dependentes químicos quanto dos profissionais que atuam na área, bem como os sentimentos experimentados pelo dependente químico durante o desempenho laboral, orientam a sequência desta pesquisa.

Metodologia

Com o objetivo de analisar e identificar o que dependentes químicos e profissionais que atuam na área esperam das atividades laborais no tratamento da dependência (significado), assim como compreender os sentimentos vivenciados pelos indivíduos dependentes químicos ao desempenharem essas atividades (sentido), foi conduzido um estudo exploratório. A escolha pelo estudo exploratório justifica-se pela necessidade de se basear nas experiências das pessoas envolvidas com o tratamento da dependência química para evidenciar os aspectos de sua relação com o trabalho (Tolfo & Cordova, 2009). Para tal, adotou-se uma abordagem qualitativa, considerada adequada para a análise das interações entre pessoas e o ambiente organizacional (Godoy, 1995). Foram examinadas as relações entre os indivíduos dependentes químicos e os trabalhos que desempenham ou desempenharam ao longo de sua recuperação, além de analisar os posicionamentos de profissionais que atuam no tratamento desses indivíduos acerca do papel do trabalho no processo de recuperação.

A técnica de coleta de dados consistiu na realização de entrevistas individuais com base em um roteiro semiestruturado. Ressalta-se que essa ferramenta de pesquisa tem sido amplamente utilizada em estudos recentes relacionados ao sentido do trabalho (Do Nascimento et al., 2019; Muller & Scheffer, 2019). A profundidade dessa técnica e a singularidade das informações obtidas são essenciais para o alcance dos objetivos da pesquisa (Gaskel, 2003; Abdalla et al., 2018).

Entre fevereiro e julho de 2018, foram realizadas sete entrevistas com profissionais das áreas de psicologia e psiquiatria que atuam em clínicas e consultórios na região de Curitiba (Paraná), bem como com nove dependentes químicos em recuperação, abstêmios há pelo menos dez meses. As entrevistas com os profissionais tiveram, em média, duração de quarenta minutos, enquanto as entrevistas com os dependentes químicos duraram aproximadamente duas horas.

O roteiro de entrevista foi desenvolvido com o intuito de orientar os entrevistados em suas considerações sobre o trabalho. Para os profissionais, as questões abordaram o papel do trabalho na recuperação do dependente químico e os cuidados necessários nesse processo. Já para os dependentes químicos, as perguntas exploraram o que o trabalho representava durante o período de adicção e no período de abstinência, assim como os cuidados que esses indivíduos tomaram em relação às atividades laborais desempenhadas.

Após a coleta de dados, as entrevistas foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo. Conforme Bauer (2003), essa técnica permite a produção de inferências objetivas sobre uma realidade social. Considerando o caráter indutivo da pesquisa, as categorias de análise emergiram das entrevistas. Essas categorias estão relacionadas tanto ao significado atribuído ao trabalho no contexto do tratamento, do ponto de vista dos profissionais, quanto aos sentimentos dos dependentes químicos em relação ao trabalho e seu papel na recuperação.

Seguindo o processo sugerido por Bauer (2003), após a transcrição e leitura das entrevistas, as falas foram reorganizadas em quatro categorias analíticas: (1) o afastamento do trabalho e suas motivações; (2) o trabalho como fator de

reinserção social e cuidados no processo de retomada das atividades laborais; (3) o desenvolvimento de atividades laborais simples para a recuperação; (4) o acolhimento no trabalho. Essas categorias foram definidas a partir da leitura individual dos autores e da subsequente comparação e definição conjunta. Durante esse processo, observou-se, por exemplo, que as falas dos profissionais, ao indicarem que o retorno ao trabalho pode resultar em recaídas, assim como as falas dos dependentes químicos sobre a importância do afastamento para se dedicarem ao tratamento, foram alocadas na categoria “O afastamento social do trabalho”.

Para manter o sigilo dos entrevistados e garantir a adequada contextualização, os profissionais foram identificados pelas seguintes siglas: PQ1 e PQ2 para os psiquiatras, e PS1, PS2, PS3, PS4 e PS5 para os psicólogos e psicólogas; e DQ1, DQ2, DQ3, DQ4, DQ5, DQ6, DQ7, DQ8 e DQ9 para os dependentes químicos entrevistados. As falas transcritas foram grafadas em itálico para facilitar a identificação pelos leitores.

A pesquisa contou com a participação de sete profissionais, pertencentes a duas diferentes instituições, que também atendem em consultórios particulares. É importante mencionar que esses profissionais possuem tempos variados de experiência na área, entre dois e mais de trinta anos. Suas características gerais estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1. Caracterização dos profissionais

Nome	Profissão	Tempo de trabalho	Tempo de atuação na área	Onde atua ou atuou
PS1	Psicóloga	12 anos	12 anos	Hospital Psiquiátrico, Capes AD, Clínica, Ambulatório e Consultório
PS2	Psicóloga	22 anos	22 anos	Clínicas, Hospitais Psiquiátricos
PS3	Psicólogo	11 anos	11 anos	Ministério Público, Clínica, Consultório
PS4	Psicóloga	2 anos	2 anos	Clínica
PS5	Psicóloga e Assistente Social	20 anos	17 anos	Clínica e consultório
PQ1	Psiquiatra	5 anos	5 anos	Caps, Caps TM (transtorno mental), Clínica e consultório
PQ2	Psiquiatra	40 anos	Mais de 30 anos	Clínicas, Comunidades terapêuticas, Projetos tipo FEBEM, Exército, Hospitais, Prefeitura de São Paulo, Estado de São Paulo.

Fonte: Os autores com base nos dados de pesquisa.

A pesquisa contou ainda com a participação de nove dependentes químicos, todos em abstinência há mais de dez meses. Suas idades variam entre 36 e 51 anos e a maioria pertence ao sexo masculino. Todos passaram, pelo menos, por um internamento em clínica particular especializada no tratamento de transtornos obsessivos compulsivos e tiveram acompanhamento por mais de um ano ou ainda têm. Suas características gerais são apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2. Caracterização dos dependentes químicos

Nome	Sexo	Tempo de abstinência	Quantidade de internamentos	Trabalho atual
DQ1	Masculino	6 anos	1	Empresário
DQ2	Masculino	7 anos	2	Professor de Educação Física
DQ3	Masculino	9 anos	3	Professor universitário
DQ4	Masculino	11 anos	4	Agricultor
DQ5	Masculino	12 anos	6	Segurança
DQ6	Masculino	11 meses	8	Desempregado
DQ7	Masculino	4 anos	3	Servidor público
DQ8	Feminino	3 anos	2	Desempregada
DQ9	Feminino	4 anos	13	Educadora em uma ONG

Fonte: Os autores com base nos dados da pesquisa.

Apresentação e Análise dos Resultados

O afastamento do trabalho e suas motivações

Mesmo discutindo-se a centralidade e a dignidade do trabalho na vida dos indivíduos (Morse & Weiss, 1955; Bajot & Franssen, 1997; Borges & Yamamoto, 2004), as pessoas acometidas pela síndrome da dependência química podem enfrentar diferentes obstáculos no trabalho e/ou no retorno ao trabalho. Dessa forma, apesar da importância do trabalho destacada em muitas discussões teóricas, cabe mencionar que o tratamento frequentemente sugere intervenções que culminam com o afastamento dos dependentes químicos de suas rotinas laborais.

O psiquiatra PQ2 é enfático ao afirmar: “Logo depois da internação, ele [dependente químico] não pode trabalhar, só quando a equipe terapêutica autoriza, geralmente o psicólogo, que está o acompanhando, junto do psiquiatra”. E ainda complementa: “[...] vários dependentes químicos não conseguem mais trabalhar, eles tentam, recaem, criam problemas no trabalho” (PQ2). A psicóloga PS2 defende que o retorno ao trabalho “tem que ser feito com bastante cuidado, por isso demora muito; é um tratamento que leva muitos anos e, depois, ainda requer manutenção e acompanhamento” (PS2).

A necessidade de estabelecer um período de afastamento do trabalho, citada pelos profissionais PQ2 e PS2, está alinhada aos relatos dos dependentes químicos DQ4 e DQ5 sobre o retorno ao trabalho: “Fiquei um ano e meio [sem trabalhar]” (DQ4). “Esse afastamento [do trabalho] durou um ano e meio, eu fiquei afastado pelo INSS durante todo esse período, recebendo, com boas condições [de seguir com o tratamento]” (DQ5).

O afastamento do trabalho ocorre porque o dependente químico perde o controle de suas ações e compromete diferentes áreas de sua vida, inclusive a laboral (Carneiro Maciel et al., 2014). Esse fato é evidenciado pelo psicólogo PS3:

[...] é como se a droga fosse subindo uma escala de prioridades na vida dele. E, em algum momento, essa escalada da droga na prioridade ultrapassa o trabalho, e então começam os prejuízos. Ele vai abrir mão de responsabilidades no trabalho, de questões de trabalho, pela droga” (PS3).

A fala acima, sobre abrir mão das responsabilidades no trabalho, é corroborada pelos relatos de alguns dependentes químicos entrevistados. DQ5 afirma ter deixado um emprego por ter que fazer hora extra, o que adiava o momento em que consumiria bebida alcoólica: “Me dava uma agonia porque eu comecei a trabalhar bastante, não saía no horário, por exemplo. E imagina não conseguir sair no horário e ficar até às 22h trabalhando. Isso me levou a decidir fazer um acordo para sair” (DQ5).

Ainda nesse contexto, DQ3 e DQ9 relatam dificuldades em cumprir horários e priorizar o trabalho. DQ3 explica: “Virava a noite direto e... assim, trabalhar mesmo eu não trabalhava. Quando tinha que fazer coisas tipo pagar funcionário e tal, daí eu fazia, ia correndo no banco...” (DQ3). E a dependente química DQ9 afirma que, devido ao uso, “não conseguia ter responsabilidade, não conseguia chegar no horário [no trabalho]” (DQ9).

O trabalho como fator de reinserção social e cuidados no processo de retomada das atividades laborais

Estudos anteriores demonstraram que o trabalho pode ter impactos positivos na recuperação de dependentes químicos, especialmente em questões sociais, morais e econômicas (Buchele, Marcatti, & Rabelo, 2004; Monteiro, 2017). A presente pesquisa também destacou a importância do trabalho nas entrevistas com profissionais que atuam na área da dependência química, embora os mesmos tenham ressaltado a necessidade de cuidados adequados. Para a profissional PS1, o trabalho é “muito importante, mas no momento adequado”. Em consonância, a profissional PS2 observa que a importância do trabalho não reside apenas no emprego em si, mas no fato de o dependente químico sentir-se útil: “Quanto mais inútil a pessoa se sentir, mais difícil será a recuperação” (PS2).

Na perspectiva dos dependentes químicos, a atividade laboral também se mostra essencial no processo de recuperação. O dependente químico DQ1 afirmou que o trabalho sempre foi importante para trazer equilíbrio a sua vida: “Eu acabo me equilibrando um pouquinho na minha dedicação ao trabalho” (DQ1). Já DQ5 relatou

que, após seu último internamento, passou a trabalhar como segurança e percebeu a importância da atividade em outros aspectos além do econômico: “Mas foi ali [no trabalho] que comecei a entender: esse é o sentido de você fazer as coisas, de ter responsabilidade, de ter o seu trabalho”.

Após o afastamento, os dependentes químicos enfrentam o desafio de retornar ao trabalho, o que exige cuidados, pois pode envolver desde colegas que usam substâncias psicoativas até lembranças de uso despertadas pelo ambiente de trabalho ou a necessidade de lidar com situações emocionalmente desgastantes. Entre os fatores que requerem atenção, pesquisadores da área destacaram o estresse e a pressão no trabalho (Gaviraghi et al., 2016), aspectos que também emergiram nas falas das profissionais PS2 e PS4. Esses profissionais sublinham a intolerância do dependente químico às frustrações. Para a psicóloga PS2: “Uma pressão emocional, não saber lidar com uma situação emocional pode ser um risco de recaída, especialmente porque eles têm o emocional muito fragilizado e leva tempo para isso se fortalecer”. A psicóloga PS4 corroborou essa visão ao mencionar que o dependente químico “tem muita intolerância à frustração, então a pessoa que usa substância é intolerante a qualquer tipo de frustração, e eu acho que o trabalho é o lugar onde mais se gera frustração...”.

Essas dificuldades de retomada do trabalho, devido à pressão e aos círculos de amizades, foram relatadas pelo dependente químico DQ4 em dois momentos da entrevista. Primeiro, ele mencionou que a pressão no trabalho pode comprometer o sono, o que agrava a situação: “A doença já fica bem à flor da pele. Se não estiver com o intuito de manter a abstinência, é bem fácil recair” (DQ4). Em seguida, DQ4 relatou que decidiu mudar de profissão devido aos círculos de amizade: “Eu trabalhava só com pessoas que gostavam de usar, não que fossem dependentes químicos, mas que sempre consumiam. Então, depois desse um ano e meio, resolvi mudar de ramo...” (DQ4).

O desenvolvimento de atividades laborais simples para a recuperação

As variadas formas de trabalho dignificantes e constitutivas (Jahoda, 1981; Morse & Weiss, 1955), que trazem sentido à vida (Tolfo & Piccinini, 2007), não se limitam a atividades remuneradas. De fato, essa perspectiva é corroborada por Antunes (2015), para quem o sentido do trabalho transcende o processo em si ou os resultados obtidos.

Assim, embora as rotinas relacionadas às atividades domésticas não tenham a mesma relevância para a sociedade industrial que as atividades produtivas, os profissionais que trabalham com dependência química consideram essas atividades como uma forma de retomada de comportamentos responsáveis e sociais. Dessa forma, o dependente químico em tratamento pode ser orientado a executar atividades de menor complexidade, mas que visam à retomada da rotina, ao senso de responsabilidade e à socialização.

Os profissionais entrevistados relataram que as responsabilidades relacionadas às atividades de menor complexidade estão presentes nos processos de recuperação nas clínicas de tratamento. Essas atividades funcionam como um meio para que os

dependentes químicos desenvolvam responsabilidade, socialização e autonomia. Na clínica onde a psicóloga PS2 trabalha, o dependente químico em recuperação começa a assumir tarefas após o período de desintoxicação: “Passou o período de desintoxicação, já começa a arrumar a cama... não arrumar de qualquer jeito, tem que arrumar como deve ser. ‘Então, agora você vai arrumar os pratos no refeitório, você vai organizar as coisas’”. De forma semelhante, a psicóloga PS4 afirma que essas pequenas atividades ajudam o dependente químico a desenvolver certa autonomia, mesmo nas atividades mais básicas, como nas reuniões de orientação: “Temos a reunião de tarefas, então cada paciente vai se responsabilizar por uma tarefa”.

A psiquiatra PQ1 acredita que os dependentes químicos têm plena capacidade de desempenhar atividades cotidianas, pois, apesar de terem uma doença mental, “eles têm funções, eles têm habilidades, eles são criativos, eles têm capacidade” (PQ1). O psiquiatra PQ2 observa que, mesmo sendo atividades que podem parecer desinteressantes, a recuperação é um processo para que os dependentes químicos desenvolvam organização no seu dia a dia: “...é pequeno, mas isso tem que ser modelo para o resto da vida dele” (PQ2). A psicóloga PS1 relata que a retomada do trabalho ocorre “[...] nas pequenas responsabilidades, como arrumar a cama, se organizar. Então já se inicia dessa forma e vai aumentando gradualmente conforme as responsabilidades também vão aumentando” (PS1).

Os relatos dos dependentes químicos refletem a importância atribuída às atividades menos complexas pelos profissionais. DQ2 compartilhou um relato significativo sobre as atividades que desempenhou após receber alta, destacando o quanto elas foram cruciais para a manutenção de sua abstinência:

Quando eu saí do internamento, o que eu fazia, que tipo de trabalho eu fazia? Trabalho em casa, com o meu pai. Pintando porta, pintando janela, reformando a casa, porque lá em casa a gente faz tudo. Trocamos o telhado todo da casa. Lixamos e pintamos todas as grades. Trocamos o piso da garagem.

Era só esse tipo de trabalho que eu tinha para fazer. Então, o que eu tinha para fazer era isso. Quando faço alguma coisa que não seja remunerada, esse conceito de trabalho que você mencionou me ajuda a lembrar e a manter meu tratamento (DQ2).

DQ3 também relatou que as atividades menos complexas o ajudaram a desenvolver uma noção de responsabilidade, assim como a socialização com um grupo de indivíduos responsáveis e com valores diferentes dos grupos com os quais convivia antes de seu internamento. Após seu terceiro internamento, sua psicóloga e sua família decidiram que sua última chance seria trabalhar de forma rotineira. DQ3 foi, então, trabalhar em uma indústria, como auxiliar de almoxarifado, mesmo tendo uma graduação em Administração. Assim, DQ3 descreve seu trabalho: “Eu carregava caixa e fazia embalagem o dia todo. E caixas pesadas. E aquilo me ajudou tanto”. Ele ainda relata a importância das relações que desenvolveu naquele ambiente de trabalho, já que seu chefe era muito honesto, assim como todos os colegas com os quais se relacionava: “Eram pessoas muito diferentes do que eu era. E aquilo se tornou um exemplo para mim”.

Acolhimento no trabalho

As diferentes fases do tratamento, segundo o modelo transteórico, vão desde o momento em que o dependente químico não demonstra qualquer intenção de mudança até as fases mais avançadas de ação e manutenção (Prochaska & DiClemente, 1983). Nessas fases, é crucial reforçar comportamentos positivos em diversas atividades, incluindo o trabalho (Oliveira et al., 2003; Souza et al., 2013). Entre esses reforços, destaca-se o papel do acolhimento no ambiente de trabalho.

Os profissionais envolvidos no tratamento de dependentes químicos reconhecem que o acolhimento desses indivíduos no trabalho representa um suporte significativo durante a fase de manutenção do tratamento. A importância desse acolhimento é mencionada pelo psiquiatra PQ1 como um fator decisivo na recuperação do paciente: “Eu acho que a forma como o paciente se sente acolhido é o que vai depois também determinar até mesmo o fortalecimento desse tratamento do paciente” (PQ1). Para ilustrar essa afirmação, pode-se citar o relato do psicólogo PS3, que observou um paciente beneficiado por um acolhimento positivo: “Isso [o acolhimento positivo] foi muito bom para ele ficar mais tranquilo, porque eles têm medo de como as pessoas vão vê-los, sabendo de um segredo que não conseguiu ser mantido por muito tempo” (PS3).

A importância do acolhimento no trabalho também é evidenciada no relato do dependente químico DQ6, que trabalha em uma multinacional. Ele afirmou que o acolhimento da equipe de assistência social e de seu chefe, após sua última recaída, foi fundamental para a continuidade de seu tratamento. Segundo DQ6, seu chefe “entendeu perfeitamente, porque ele viu que eu tentei me matar, na verdade, tentei me matar porque eu não aguentei mais” (DQ6). Já para DQ7, o acolhimento superou suas expectativas: “O acolhimento acho que foi o melhor possível... na época em que eu voltei não poderia ter sido melhor, tanto por parte da minha chefe quanto do pessoal” (DQ7).

No entanto, o psicólogo PS3 lembra que o acolhimento “infelizmente é uma coisa que não depende do paciente [...], há ambientes de trabalho onde ele encontrará acolhimento, com pessoas que entendem ou reconhecem quem ele é e não apenas sua doença”, mas em outros ambientes isso pode não ocorrer. O acolhimento pode, portanto, variar de acordo com a importância atribuída ao dependente químico naquele ambiente, ou seja, seu valor como trabalhador ou, ainda, seu tempo de trabalho. A psicóloga PS2 relata o caso de um paciente que trabalhava no mercado financeiro e estava prestes a se aposentar. Segundo a psicóloga, o chefe e a secretária do dependente químico acompanharam todas as reuniões com a família durante o internamento, desempenhando um papel crucial no retorno do paciente ao trabalho. No entanto, PS2 afirma que o senso comum não percebe o indivíduo como dependente químico, mas como um símbolo estigmatizado, associado a termos como “drogado” e “ladrão”, que só causa problemas. Nesse sentido, o psiquiatra PQ2 observa que, entre os próprios profissionais de saúde, o termo “dependente químico” não é comumente utilizado, sendo substituído por expressões como “o drogado” ou “o alcoólatra”.

Discussão

O presente artigo buscou analisar e identificar o que dependentes químicos e profissionais que atuam na área esperam das atividades laborais no tratamento da doença (significado), e identificar quais os sentimentos vividos pelo indivíduo dependente químico quando desempenha essas atividades (sentido). A doença da dependência química afeta uma parcela significativa da população brasileira, inclusive indivíduos que desempenham atividades laborais, afetando a sociedade e as organizações. Observa-se na análise de dados que o sentido e o significado do trabalho em alguns momentos convergem entre os entrevistados, indicando o trabalho como um elemento de reinserção social dos indivíduos, mas também um elemento de agravamento da doença. Assim, a presente pesquisa apresenta três principais contribuições relacionadas ao sentido e significado do trabalho.

A primeira contribuição está relacionada à literatura de sentido e significado do trabalho na área de gestão de pessoas, especialmente no que diz respeito à multiplicidade de atores abordados sobre o fenômeno analisado. Nesse sentido, observa-se que estudos anteriores apontaram para as caracterizações do sentido e significado do trabalho dentro de um mesmo grupo de indivíduos (Feitosa et al., 2022; Ventura et al., 2021). Contudo, não foram desenvolvidos estudos comparativos, abordando tanto a percepção do grupo de trabalhadores quanto de outros grupos correlacionados. Assim, o presente estudo mostra que, mesmo apresentando congruências entre o sentido e o significado do trabalho para dependentes químicos e profissionais, evidenciaram-se diferenças complementares.

Conforme analisado na pesquisa, apesar de o sentido do trabalho para os dependentes químicos representar um sentido à vida (Jahoda, 1981), evidenciou-se que um retorno precipitado ao trabalho ou o não afastamento do trabalho pode significar um elevado risco de comprometimento ao tratamento da dependência química. Dessa forma, diferentemente daquilo que os estudos anteriores apontaram, o presente estudo mostra que pode haver uma diferença entre sentido e significado do trabalho dentro de um mesmo contexto, mas quando observado por atores diferentes.

Com isso, conseguimos identificar aspectos práticos que dizem respeito à compreensão mais aprofundada do trabalho como um fenômeno que, não necessariamente, terá sentido quando for relevante esteticamente ou funcionalmente (Dejours, 2012). Ao contrário, o caso estudado evidencia que o afastamento do trabalho por questões relacionadas à recuperação em um contexto de transtorno mental pode ser mais positivo e ter mais sentido que o próprio trabalho em si. Assim, faz-se necessário um maior esforço das instituições públicas, especialmente das áreas social e da saúde, para disseminar a importância desse tempo para o tratamento e reduzir os possíveis estigmas que o portador de uma doença mental grave vivencia.

A segunda contribuição está relacionada ao significado do trabalho. Estudos anteriores mostraram que esse está relacionado à representação social do trabalho (Tolfo & Piccinini, 2007), sendo materializado por questões como retorno financeiro e realização pessoal (Graebin et al., 2019). Contudo, o presente estudo mostrou que no caso de dependentes químicos em tratamento que retomam as atividades laborais, um dos principais aspectos sociais do trabalho está relacionado ao acolhimento no

ambiente de trabalho. Ou seja, à forma como outras pessoas, sejam colegas de trabalho ou profissionais que acompanham o dependente químico, enxergam o dependente químico e o trabalho realizado por ele, buscando protegê-lo.

Nesse sentido do acolhimento, é possível relacionar o significado do trabalho à sua vinculação com as relações e cooperações que mobilizam a subjetividade dos indivíduos (Dejours, 2012; Moliniere, 2013). Nesse caso, o presente trabalho evidencia um aspecto até então não explorado, que trata da subjetividade relacionada à cooperação entre trabalhadores que compreendem o significado do trabalho para o dependente químico e sua recuperação.

Assim, observa-se que o aspecto do acolhimento no trabalho para portadores de deficiências intelectuais já vem sendo investigado, mas ainda indica oportunidades de desenvolvimento e pouca efetividade dentro do processo prático (Pereira-Silva, Furtado, & Andrade, 2018). Assim, o presente estudo pode contribuir com o desenvolvimento de políticas internas das próprias organizações privadas que têm seus trabalhadores acometidos pela doença e buscam reinseri-lo no contexto do trabalho. Além disso, acredita-se que as experiências aqui relatadas auxiliam a jogar luz sobre a importância para o desenvolvimento de políticas públicas que visem reinserir grupos estigmatizados no ambiente de trabalho e seus cuidados.

Finalmente, a terceira contribuição está relacionada ao sentido do trabalho. Diferentemente de estudos anteriores que evidenciaram a importância do aspecto financeiro e das expectativas profissionais como fatores que influenciam positivamente o sentido do trabalho (Costa et al., 2023; Sá et al., 2022), o presente estudo mostra que mesmo tarefas de menor complexidade, inclusive tarefas domésticas de rotina, como a manutenção de uma casa, são importantes para os dependentes químicos em tratamento.

Dessa forma, o sentido do trabalho se mostra alinhado à sugestão de Antunes (2015) sobre o trabalho como uma forma de autonomia e autorrealização. Assim, o sentido do trabalho se afasta da lógica capitalista e apresenta um papel terapêutico, em que a realização de atividades coordenadas rotineiras e consecutivas representa para o indivíduo uma realização e uma conquista. Essa contribuição se difere dos estudos anteriores, inclusive a respeito de grupos de pessoas com deficiência, que evidenciaram o trabalho como conquista dentro de uma lógica capitalista e em um ambiente corporativo (Lima et al., 2013; Santos et al., 2018).

No presente estudo, os dependentes químicos em tratamento, muitas vezes, estão desempenhando atividades como arrumar a cama ou pintar a própria casa, sem que haja uma recompensa financeira, mas buscando uma estabilidade emocional. Dessa forma, acredita-se que os processos dentro de organizações que se dedicam à recuperação de pessoas acometidas por patologias, e, especialmente, a dependência química, podem desenvolver estratégias baseadas nas práticas relatadas, como o desenvolvimento de treinamentos para organizações que desejam reinserir trabalhadores, quanto o desenvolvimento de etapas de tratamento que envolvam trabalhos terapêuticos.

Conclusões: buscando por considerações que não encerrem as discussões

O presente artigo buscou compreender os sentidos e significados das atividades laborais para os dependentes químicos em tratamento. Assim, tivemos como objetivos analisar e identificar o que dependentes químicos e profissionais que atuam na área esperam das atividades laborais no tratamento da doença (significado), e identificar quais os sentimentos vividos pelo indivíduo dependente químico quando desempenha estas atividades (sentido).

De forma geral é possível identificar, tanto nos relatos dos profissionais que trabalham com indivíduos dependentes químicos quanto nos relatos dos próprios dependentes em processo de recuperação, certa congruência quanto ao significado e ao sentido do trabalho. Inicialmente se percebe que, mesmo havendo declarada a grande importância do trabalho como fator significante e de desenvolvimento de responsabilidade, há também um cuidado quanto à retomada das atividades laborais pelo indivíduo que sofre intervenção.

Nos relatos dos dois grupos se percebe a existência de um tensionamento entre a importância do trabalhar e o tempo para o dependente químico ressignificar sua relação com o trabalho. Nesse sentido, tanto o trabalho em si, quanto a possibilidade de afastamento do trabalho representam importantes sentidos para os dependentes químicos e significados para os profissionais, especialmente no afastamento da possibilidade de recaída. Além disso, os resultados da pesquisa evidenciam que os trabalhos criativos e atividades rotineiras podem ser tão relevantes quanto o próprio trabalho formal para a recuperação. Nesse sentido, observa-se que o comprometimento e a responsabilidade de desempenhar tarefas operacionais trazem satisfação quanto à manutenção da abstinência.

Observa-se, ainda, que o acolhimento no trabalho é um importante fator para a (re)inserção do dependente químico, mas ainda trata-se de uma iniciativa e/ou política das próprias organizações, e de uma cultura a ser implementada.

A partir das considerações apresentadas até aqui, o artigo evidencia que mesmo havendo distinções entre sentido e significado do trabalho – apontadas pela literatura e acolhidas nesta pesquisa –, é oportuno teorizar sobre as congruências aqui observadas entre o social (significado) – percebido pelos especialistas – e o pessoal (sentido) – percebido pelos dependentes químicos. Nesse sentido, essa congruência aparece como um fator preponderante a ser incorporado às diferentes fases do tratamento, e tangenciando as áreas da medicina, psicologia e organizações.

Além disso, o estudo é relevante por apresentar o papel do trabalho no processo de recuperação de dependentes químicos, desde que seja devidamente acompanhado pelos profissionais adequados, ampliando a possibilidade de sucesso em fases mais avançadas do tratamento. Além disso, observa-se que esse grupo específico de pessoas carrega uma condição específica que é a estigmatização da sociedade e, consequentemente, do ambiente de trabalho formal. Assim, por meio dos dados e das reflexões aqui apresentadas, espera-se despertar, mesmo que no longo prazo,

discussões a respeito do papel da sociedade, dos governos e das organizações na transformação do alijamento desse grupo de indivíduos em uma nova oportunidade.

Como limitações desta pesquisa é apontado o reduzido número de entrevistados, ou até mesmo o fato de todos estarem localizados em uma região geográfica restrita. Também houve uma limitação quanto ao equilíbrio de pacientes entrevistados do sexo masculino e feminino, com ampla maioria dos primeiros. Sugere-se, no entanto, que futuros estudos possam estar baseados nestas limitações e buscar amostras mais diversificadas para aumentar a generalização, assim como possam ser desenvolvidos estudos sobre a mulher dependente química e sua relação com o trabalho, para uma maior compreensão dessa relação. Também é sugerido o desenvolvimento de trabalhos quantitativos, apesar da dificuldade em relação à localização de grupos significativos de dependentes químicos em recuperação.

Referências

Abdalla, M. M., Oliveira, L. G. L., Azevedo, C. E. F., & Gonzalez, R. K. (2018). Qualidade em pesquisa qualitativa organizacional: tipos de triangulação como alternativa metodológica. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 19(1):66-98.

Alves, H. N. P., Nogueira-Martins, L. A., Marques, A. C. P., Ramos, S. D. P., & Laranjeira, R. R. (2005). Perfil clínico e demográfico de médicos com dependência química. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 51(s.n.):139-43.

American Psychiatric Association - APA (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. São Paulo: Artmed Editora.

Antunes, R. (2015). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Bajoit, G., & Franssen, A. (2007). O trabalho: busca de sentido. In: Fávero, O., Sposito, M. P., Carrano, P., & Novaes, R. R. (Orgs.), *Juventude e contemporaneidade*, 1(s.n.):93-123.

Bauer, M. W. (2002). Análise de conteúdo clássica. In: Bauer, M. W. (Ed.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, p. 189-217.

Benevides, T. M., de Almeida, D. R., Cunha, E. A., & Mendes, J. F. (2014). Os sentidos do trabalho para os policiais militares do estado da Bahia: uma primeira análise. *Revista Gestão & Conexões*, 3(2):181-97.

Borges, L. D. O., & Yamamoto, O. H. (2004). *O mundo do trabalho*. Psicologia, organizações e trabalho no Brasil, 2. Porto Alegre: Artmed.

Brooker, S., Fitzsimons, M., Moore, R., & Duval, G. (2017). *Dependência química em anestesiologistas: atualidade*. Revista Brasileira de Anestesiologia, 67(s.n.):227-30.

Büchele, F., Marcatti, M., & Rabelo, D. R. (2004). Dependência química e prevenção à recaída. *Texto & Contexto Enfermagem*, 13(2):233-40.

Caravaca-Morera, J. A., & Padilha, M. I. (2015). Entre batalhas e pedras: histórias de vida de moradores de rua, usuários de crack. *Hacia la Promoción de la Salud*, 20(1):49-66.

Caron, D., Costa, V. F., Rodrigues, G. F., & Gadonski, J. (2023). Percepções sobre a inclusão laboral e o sentido do trabalho para trabalhadores com deficiência. *Pensamento & Realidade*, 38(2):21-40.

Costa, S. D. M., Barbosa, J. K. D., Rezende, A. F., & de Paiva, K. C. M. (2023). Os sentidos do trabalho para trabalhadores jovens: uma análise com aprendizes na região metropolitana de Belo Horizonte. *Revista Gestão & Conexões*, 12(1):106-26.

Costa, S. F. (2009). As políticas públicas e as comunidades terapêuticas nos atendimentos à dependência química. *Serviço Social em Revista*, 11(2):1-14.

Crauss, R. M. G., & Abaid, J. L. W. (2012). A dependência química e o tratamento de desintoxicação hospitalar na fala dos usuários. *Contextos Clínicos*, 5(1):62-72.

Czarnobay, J., Ferreira, A. C. Z., Capistrano, F. C., Borba, L. D. O., Kalinke, L. P., & Maftum, M. A. (2015). Determinantes intra e interpessoais percebidos pela família como causa da recaída do dependente químico. *Revista Mineira de Enfermagem*, 19(2):93-106.

Dejours, C. (2012). *Trabalho vivo: trabalho e emancipação*. Brasília: Paralelo.

Della Puppa, F. (2022). Decline of the Centrality of Work? Critique of a Contemporary Ideology. *Work, Employment and Society*, 1(6).

Diehl, A., Cordeiro, D., & Laranjeira, R. (2018). *Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Do Nascimento, R. L., Santos, A. S. L., De Lima, T. C. B., & Pinho, A. P. M. (2019). O sentido do trabalho para o agente funerário. *Revista de Ciências da Administração*, 21(53):112.

Duarte-Lores, I., Rolo-González, G., Suárez, E., & Chinea-Montesdeoca, C. (2023). Meaningful work, work and life satisfaction: Spanish adaptation of work and meaning inventory scale. *Current Psychology*, 42(14):12151-63.

Elraz, H. (2018). Identity, mental health and work: how employees with mental health conditions recount stigma and the pejorative discourse of mental illness. *Human relations*, 71(5):722-41.

Ferreira, A. C. Z., Czarnobay, J., de Oliveira Borba, L., Capistrano, F. C., Kalinke, L. P., & Maftum, M. A. (2016). Determinantes intra e interpessoais da recaída de dependentes químicos. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 18.

Figueiró, P. S., & Bessi, V. G. (2020). Sentido do trabalho: a percepção de empreendedores sociais de cooperativas de reciclagem. *Revista Gestão & Conexões*, 9(1):50-72.

Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, M., Gaskell, & G. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, 2(s.n.):64-89.

Gaviraghi, D., Antoni, C. D., Amazarray, M. R., & Schaefer, L. S. (2016). Medicalización, uso de sustancias y contexto laboral en trabajadores de bancos en Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Psicología Organizações e Trabajo*, 16(1):61-72.

Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, 35(s.n.):20-9.

Graebin, R. E., Matte, J., Larentis, F., da Motta, M. E. V., & Olea, P. M. (2019). O significado do trabalho para jovens aprendizes. *Revista Gestão Organizacional*, 12(1).

Hackman, J. R., & Oldham, G. R. (1975). Development of the job diagnostic survey. *Journal of Applied psychology*, 60(2):159.

Jahoda, M. (1981). Work, employment, and unemployment: values, theories, and approaches in social research. *American psychologist*, 36(2):184.

Junior, I. J. F., Schlindwein, V. D. L. D. C., & Calheiros, P. R. V. (2016). A relação entre o uso de drogas e o trabalho: uma revisão de literatura PSI. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(1):104-22.

Kim, B. J., Nurunnabi, M., Kim, T. H., & Jung, S. Y. (2018). The influence of corporate social responsibility on organizational commitment: The sequential mediating effect of meaningfulness of work and perceived organizational support. *Sustainability*, 10(7), 2208.

Lima, M. E. A. (2010). Dependência química e trabalho: uso funcional e disfuncional de drogas nos contextos laborais. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35(s.n.):260-68.

Lima, M. P. D., Tavares, N. V., Brito, M. J., & Cappelle, M. C. A. (2013). O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. RAM: *Revista de Administração Mackenzie*, 14(s.n.):42-68.

Lopes, F. T., & Paula, A. P. P. D. (2017). Entre a bebida e a atividade de doméstica: um estudo sobre a relação entre o uso de drogas e o trabalho. *Revista gestão & conexões*, 6(1):15-39.

Maciel, S. C., de Melo, J. R. F., Dias, C. C. V., Silva, G. L. S., & Gouveia, Y. B. (2014). Sintomas depressivos em familiares de dependentes químicos. *Psicologia: teoria e prática*, 16(2):18-28.

Marra, A. V., de Souza, M. M. P., Marques, A. L., & Melo, M. C. D. O. L. (2013). Significado do trabalho e envelhecimento. *Revista Administração em Diálogo*, 15(2):103-28.

Mendes, K. T., Ronzani, T. M., & Paiva, F. S. D. (2019). População em situação de rua, vulnerabilidades e drogas: uma revisão sistemática. *Psicologia & Sociedade*, 31, e169056.

Molinier, P. (2013). *O trabalho e a psique: uma introdução à psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo.

Monteiro, R. M. P. (2012). A ‘carreira moral’ de jovens internos em instituições de recuperação para dependentes químicos. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 5(1):131-55.

Morin, E. M. (2008). *The meaning of work, mental health and organizational commitment*. Quebec, Canadá: Institut de recherche en santé et en sécurité du travail du Québec.

Morse, N. C., & Weiss, R. S. (1955). The function and meaning of work and the job. *American Sociological Review*, 20(2):191-98.

Müller, C. V., & Scheffer, A. B. (2019). Turismo voluntário: uma experiência em busca do sentido? Vida e trabalho em questão. *RAM: Revista de Administração Mackenzie*, 20(1):1-26.

Oliveira, M. D. S., Laranjeira, R., Araujo, R. B., Camilo, R. L., & Schneider, D. D. (2003). Estudo dos estágios motivacionais em sujeitos adultos dependentes do álcool. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 16(s.n.):265-70.

Paiva, L. E. B., Aquino, J. P. C., Lima, T. C. B., Marques, D. S., & Matos, T. M. (2024). Além das limitações: o sentido do trabalho sob a perspectiva das pessoas com deficiência. *Gestão.org: Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 22(s.n.)1-28.

Pereira-Silva, N. L., Furtado, A. V., & Andrade, J. F. C. D. M. (2018). A inclusão no trabalho sob a perspectiva das pessoas com deficiência intelectual. *Trends in Psychology*, 26(s.n.):1003-16.

Prochaska, J. O., & DiClemente, C. C. (1983). Stages and processes of self-change of smoking: toward an integrative model of change. *Journal of consulting and clinical psychology*, 51(3):390.

Rodrigues, A. L., Barrichello, A., & Morin, E. M. (2016). Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: um estudo multimétodos. *Revista de Administração de Empresas*, 56(s.n.):192-208.

Roque, M. G. M., Gomes, A. F., Chaves, A. M., & Santos, M. O. (2022). Para além de uma vocação: sentido do trabalho para os professores da unidade escolar municipal conveniada Belo Campo. *Revista Gestão & Conexões*, 11(2):28-51.

Rui, T. (2013). Depois da “Operação Sufoco”: sobre espetáculo policial, cobertura midiática e direitos na “cracolândia” paulistana. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, 3(2):287-87.

Sá, J. G. S. D., Lemos, A. H. D. C., & Oliveira, L. B. D. (2022). Para além dos estereótipos: os sentidos do trabalho para mulheres da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. *Cadernos Ebape.br*, 20(s.n.):500-13.

Santos, J. C., & Carvalho-Freitas, M. N. D. (2018). Sentidos do trabalho para pessoas com deficiência adquirida. *Psicol. Soc. (online)*, 30: e160054-e160054.

Seadi, S. M. S., & Oliveira, M. D. S. (2009). A terapia multifamiliar no tratamento da dependência química: um estudo retrospectivo de seis anos. *Psicologia Clínica*, 21(s.n.):363-378.

Schneider, J. F., Roos, C. M., Olschowsky, A., Pinho, L. B. D., Camatta, M. W., & Wetzel, C. (2013). Atendimento a usuários de drogas na perspectiva dos profissionais da estratégia saúde da família. *Texto & Contexto: Enfermagem*, 22(s.n.):654-61.

Silva, E. B. D., Costa, I. D. S., Freitas, J. A. D. S., & Salles, D. M. R. (2019). Meteoro da ilusão: sentidos do trabalho para jovens gerentes de bancos públicos. *Cadernos Ebape.br*, 17(s.n.):765-82.

Tolfo, D., & Córdova, F. P. (2009). A pesquisa científica. In: Tolfo, D., & Córdova, F. P. (Eds.). *Métodos de pesquisa*, 1(s.n.):33-44. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Tolfo, S. D. R., & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19(s.n.):38-46.

Ventura, L. K. C., Pereira, J. R., Rocha Torres, T. P., & Barata, J. G. (2021). O valor do não ter: significados e sentidos do trabalho sob a perspectiva de desempregados de Belo Horizonte. *Revista Horizontes Interdisciplinares da Gestão*, 5(1):42-63.

Vianna, F. R. P. M., Tonon, J. P. B., Tonon, L., & Ferreira, A. (2020). “Uma hora o trabalho começou a atrapalhar”: os diferentes sentidos do trabalho de um dependente químico em recuperação. *Revista Gestão & Conexões*, 9(2):51-73.

Yalom, I. D. (1980). *Existential psychotherapy*. London: Hachette Book Group.